

APRESENTAÇÃO

A *Revista Língua&Literatura* chega ao seu décimo oitavo número com uma publicação dedicada ao estudo das literaturas africanas e da diáspora africana, entre as quais a literatura afro-brasileira. A intenção dos organizadores desta publicação foi unirem-se ao esforço, incentivado pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, de resgatar a contribuição cultural das sociedades africanas em geral, e dos afro-descendentes em particular. Não por acaso a lei apresenta a literatura como um dos foros privilegiados para o desenvolvimento desses estudos—afinal, em sua articulação com as demais áreas do conhecimento, as letras debatem, em criativo diálogo, o contexto em que estão inseridas.

A ideia do diálogo pautou desde o início a organização desta revista. Estimulavam-se, na chamada de publicação, abordagens comparativas entre duas literaturas, e as que contemplassem as relações entre a literatura e outras artes, como cinema, pintura, escultura, fotografia. Objetivava-se, ainda, estudar não só o discurso do afro-descendente, como também o discurso sobre ele, situando o esforço de pensar as literaturas e as diásporas africanas, em particular a afro-brasileira, dentro de um panorama comparativo mais amplo. Por esse motivo, optou-se por dar ao volume um título que refletisse a diversidade das contribuições: *Literatura Negra e o Negro na Literatura*.

Reúnem-se, neste volume, ensaios em torno da literatura africana, com ênfase na produção de Angola e Moçambique, mas contemplam-se também os complexos processos identitários e discursivos envolvidos na produção da literatura afro-brasileira. Incluem-se, ainda, análises do discurso do negro e sobre o negro na literatura portuguesa e na produção literária afro-americana.

Abre a publicação um artigo de Heloísa Toller Gomes, que tem como proposta o exame do discurso religioso do negro e sobre o negro no Brasil e nos Estados Unidos ao longo do século XIX. Ao analisar tais discursos, produzidos pela elite dominante ou pelos próprios negros escravizados e respectivos descendentes, a autora pretende demonstrar o painel das relações raciais oitocentistas, observando as confluências existentes entre o sagrado e o profano, o político e o literário ao fornecer respaldo tanto ao discurso escravista quanto o abolicionista. Em leitura comparatista e interdisciplinar, a autora pontua, ainda, as relações e assimetrias entre o discurso religioso protestante de origem anglo-saxônica, como orientação discursiva da colonização norte-americana, e o discurso católico de origem ibérica, como orientação discursiva da colonização brasileira, acompanhando as suas adaptações e transformações históricas.

A poética afro-brasileira, tão raramente enfocada por nossa crítica, é alvo da análise do texto seguinte, em que Zilá Bernd associa essa poética à construção do identitário e à superação da posição marginal tão frequentemente ocupada pelo negro em nossa sociedade. Para tanto, a autora retoma vários textos e conceitos trabalhados ao longo de sua carreira acadêmica, particularmente a ideia de um “eu” enunciador que “assume uma identidade negra” com o objetivo de recuperação das raízes culturais afro-brasileiras e como instrumento de protesto e denúncia do racismo e preconceito brasileiros. Bernd distingue, no desenvolvimento da poética afro-brasileira, uma literatura do enraizamento, voltada a erguer a bandeira da defesa dos direitos humanos, e que, impregnada de revolta e denúncia, compromete o fazer poético, e uma tendência a uma identidade móvel, aberta à aceitação da alteridade, que se expressa em poesia mais simbólica e universal.

Enfocando ainda a literatura afro-brasileira, Lizandro Carlos Calegari traz como proposta a reflexão acerca da violência, do preconceito e do racismo a partir do estudo de personagens de *Negros em contos* (1996), do escritor Luís Silva, conhecido também como Cuti. Ao longo de seu texto, o autor do artigo discute os detalhes da estrutura social brasileira, considerada de base autoritária, como também a divulgação de ideologias de caráter racista e preconceituoso em território nacional. O objetivo e a premissa do ensaísta são claros: demonstrar que a literatura produzida por Luís Silva contribui para uma análise da realidade social brasileira contemporânea, partindo das circunstâncias apresentadas na trama ficcional, nas quais os afro-descendentes brasileiros são enfatizados através de seus traços particulares e/ou comportamentos negativos.

Os dois textos seguintes abordam a produção literária afro-americana. No primeiro deles, “Crossing the Threshold of Racial Politics”, Lillie Anne Brown analisa o conto *Bloodline*, da coletânea homônima de Ernest J. Gaine, salientando como o personagem Copper Laurent ergue-se na defesa de seus direitos, confrontando os códigos de conduta em uma sociedade preconceituosa e racista. Babacar M'Baye faz uma leitura comparativa de dois romances autobiográficos: *Go Tell It on the Mountain* (1953), de James Baldwin, e *Ambiguous Adventure* (1961), de Cheikh Hamidou Kane. Apesar da diversidade geográfica de onde falam os autores (a América e o Senegal, respectivamente), M'Baye percebe similaridades na forma em que, fugindo a estereótipos de vitimização, examinam o dilema de afro-descendentes que lutam contra a opressão racial e colonial.

Na sequência, José Luís Giovanoni Fornos apresenta como proposta uma análise do romance *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002), a partir das reflexões teóricas de Stuart Hall. O autor analisa as categorias de raça e hibridismo, através de uma abordagem histórica e geográfica, dando ênfase às diferenças culturais e ao papel da intelectualidade em uma época de capitalismo globalizado. Observando a noção de diferença cultural, o autor examina o romance à procura da identificação do problema do cosmopolitismo cultural, a fim de questionar as razões pelas quais as comunidades de afro-descendentes brasileiros estão mergulhadas “na miséria, na violência e na inferioridade cultural”.

Benvinda Caldeira Lavrador aborda a forma como a narrativa ficcional literária problematiza as relações de dominação e poder a partir de uma análise comparativa entre os romances *Um nègre à Paris* (1959), do escritor marfinense Bernard Dadié, e *A Costa dos murmúrios* (1988), da portuguesa Lídia Jorge. O objetivo da autora é destacar e comparar o olhar do homem negro colonizado sobre o universo do homem branco europeu e o olhar de uma mulher branca sobre o homem negro africano, a fim de demonstrar como ocorre a subversão de estereótipos culturais e a construção de novas identidades, colaborando, dessa forma, para a extinção da visão imperialista.

Seguem textos dedicados ao estudo de obras de autores africanos. Essa sequência inicia-se com o texto de Rudião Rafael Wisniewski, que analisa o romance *O africano* (2007), de J. M. G. Le Clézio, a fim de identificar, ao longo da narrativa, a autobiografia do escritor, cuja vida é acentuadamente influenciada pela do pai. Para atingir este objetivo, o articulista toma como guia a postulação teórica de Philippe Lejeune em *O pacto autobiográfico* (2008), realizando também uma contextualização histórica da obra e uma abordagem sobre o papel da memória ao longo da narrativa, cuja leitura conduz ao resgate da consciência da africanidade presente em toda a humanidade, e, por fim, ao autoconhecimento.

Uma reflexão sobre a postura de resistência ou revide do colonizado ao colonizador é o debate do artigo de Márcio Matiassi Cantarin. Em seu texto, o autor propõe a ponderação sobre a questão do discurso mágico ou maravilhoso, como forma de identificar as várias fases do processo de descolonização, cujos elementos são encontráveis na obra do escritor moçambicano Mia Couto. O autor considera que “seja por meio da força, seja fruto de um discurso mistificador”, o lugar conferido ao negro na sociedade colonial sempre foi delimitado, de

forma inequívoca e clara, pelo colonizador. Os instrumentos teóricos utilizados para atingir este objetivo, através da leitura de Mia Couto, acham-se no pensamento de Albert Memmi (1977) e Franz Fanon (1977), a fim de encontrar, através da interpretação da narrativa de Mia Couto, os momentos de rebeldia, resistência ou revolução utilizados pelos colonizados, como a força armada, para alcançar a emancipação e libertar-se do sentimento de inferioridade infligido pelo discurso do colonizador, tanto em nível simbólico quanto concreto.

Rejane Seitenfuss Gehlen segue ainda a trilha analítica da resistência e do revide contemplada pelo ensaio anterior. A autora propõe uma reflexão sobre a condição marginal dos personagens da contística de João Melo, do ponto de vista do revide aos diversos contextos de opressão, através da perspectiva teórica do pós-colonialismo, como reação veemente à dominação. O caso analisado pela articulista ilustra, crítica e diretamente, a visão neocolonial de expressão masculina, emanada, conforme sua interpretação, dos movimentos antiutópicos contemporâneos e da visão formalista do pós-modernismo. A fim de demonstrá-lo, a ensaísta propõe uma análise das representações de subalternidade impostas à mulher angolana em contraponto aos seus esforços de emancipação, bem como da elaboração de um discurso identitário feminino que, segundo a autora, vincula-se à condição de minoria “duplamente marginalizada”.

No sentido de analisar a representação do sujeito colonizado e assimilado a fim de detectar o não-lugar que este ocupa na sociedade colonial, Isabelita Maria Crosariol tem como objetivo, em seu texto, refletir sobre o personagem Tipóia, do romance *Viragem*, de Castro Soromenho. A autora deseja, neste artigo, questionar a função e a identidade do personagem, colocado no limiar entre a sociedade dos brancos e dos “indígenas”, articulado duplamente como vítima e reproduzidor do sistema colonial no qual está inserido. A ensaísta se orienta em sua leitura, para a elaboração do presente texto, nas teorias pós-coloniais de Franz Fanon (2008) e Homi Bhabha (2007).

Por fim, na esteira teórica da crítica feminina, Izabel Cristina dos Santos Teixeira analisa as relações de gênero na representação dos espaços da obra *Ventos do Apocalipse* (1999), também da literatura moçambicana. Nesse sentido, a autora adota a teoria ecofeminista para deslanchar a leitura de diversos cenários (Aldeia, Floresta, Monte), permitindo assim a emergência de conflitos e tensões ao longo da narrativa que afetam o cotidiano dos sujeitos envolvidos, como os horrores da guerra civil, de caráter pós-colonial, em Moçambique. A análise detém-se, desse modo, no ato de reelaboração de narrativas míticas dos sujeitos pós-coloniais, através das quais são reelaboradas também as narrativas individuais. Os acréscimos culturais, de caráter inevitável, enfatizam a renovação dos ciclos vitais.

Espera-se que este número da *Revista Língua&Literatura* tanto contribua para a disseminação de saberes sobre a rica literatura produzida por afro-descendentes ao redor do mundo como contribua para reflexões acerca de discursos sobre o negro. Boa leitura.

Profª. Dra. Denise Almeida Silva
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Editores